

PERCORRIDO POLA MONUMENTÁLIA CASTELAONIÁ

XOSE-MARIA MONTERROSO DEVESA

Limiar

A Nossa Terra está necessitada de mitos. Mitos barís. Algo que tam bem intufu Pondal. Porque o seu corpo nacional está falto do espírito que o empurre à sua auto-realizaçom cabal.

Nom se trata de inventar nada. Nem de tergiversar a história. Mas, como esta nos foi já tergiversada e furtada, trata-se, si, de reencontrá-la, de recontá-la e de lhe dar a essa revisom a força positiva que nos obrigue a sermos nós. E para isso nada melhor que salientar tudo o favorável que nela e nas figuras que conformam o drama histórico hai, nada mais oportuno que pôr de relevo tudo aquilo que contribúa a este labor de reconstruçom nacional da Galiza: sem mentir, mas sem temermos fazer emerger o carácter heróico de quem o possuú, sem cairmos em magnificaçoms ocas e retóricas, mas sem deixar de aproveitar quanto de nobre houve no acontecer do país, para acender o afám emulador no nosso povo, quer dizer em nós mesmos. Eis, pois, o mito a que nos referimos, o mito puro, o mito vivo, o mito dinámico, o mito operativo, o mito útil: equivaleria a trazarmos e divulgarmos a caricatura (no sentido castelaoniám da palabra) do acontecer e do home que o protagonizou e utilizá-la como umha arma mais. E esse mito arqueté-pico, que nada tem que ver com o mito estereotípico, é o que aqui defendemos.

Nom outra filosofia subjaz neste simples percorrido parcial que faremos pola monumentália castelaoniá, comprendendo aí nom só os monumentos propriamente ditos, mas tamém as placas comemorativas e os espaçoms urbanos baptizados com o seu nome.

E deixemos claro que este nom é mais que um adianto do trabalho por miúde que cumpre fazer, dia no que se dará, porque é de justiça, pormenorizada relaçom dos nomes que tivérom as iniciativas em pró de Castela e as levárom adiante.

Sempre em Galiza

O mesmo ano do seu passamento, já os galeguistas de Montevideu fundam, em 3 de Setembro, a audiçom radiofónica "Sempre en Galicia", lembrando, com essa ligeira alteraçom no nome, a obra-cume do pensamento castelaoniám. O espaço radiofónico em galego, que hoje segue a emitir-se semanalmente durante meia hora, "foi possível -como informa Manuel Suárez- graças à tradicional legis-

laçom uruguaia, que autoriza a emissom de programas em qualquer língua estrangeira". Desde a fundaçom, o ano 64, do Patronato da Cultura Galega, som mui fortes os vínculos de "Sempre en Galicia" com esta instituïçom sobre a que voltaremos aginha.

A placa maldita

Tamém esse ano, na vizinha Buenos Aires, o compostelám Domingos Maza Calvo (1889-1956) esculpe um busto de Castelao para o Centro Betanços e umha placa com destino à casa do prócer, em Rianxo. Cabe-lhe, pois, a este artista, temporámente emigrado à Argentina, a honra de ter sido o primeiro em retratar em bronze a Castelao. E para duas instituïçoms: a citada portenha e o Centro Galego de Caracas (hoje a formar parte da "Hermandad Gallega de Venezuela").

Mas é na placa no que queremos fazer fincapé, pola azarosa história que correu, já que pretendeu ser a primeira homenage pública a Castelao na Terra, e foi-no... só que 25 anos depois de feita!

No ano 51 a placa foi enviada à Terra pola Sociedade "Parroquias Unidas del Ayuntamiento de Rianjo", e, a pesar de contar com a autorizaçom da Alcaldia rianxeira, algunha mao negra fijo que ficasse aparcada na alfândega de Vigo... durante vinte anos. É no 71 quando ainda é transportada a Rianxo e colocada, por falta de licença, no interior do portal: ali permaneceu outros quatro anos até que as gestons do presidente da recém constituída "Comisión Pro Homenaxe de Galicia a Castelao en Rianxo" lográrom fosse situada na fachada, sem cerimónia algunha, cumprindo, desde aquel 7-1-75, a funçom pública, nom só de homenage mas tamém de aldabonazo, para a que fora concebida um quarto de século atrás.

A placa di:

"Castelao
Dibuxante - Escritor - Patriota
Fillo esgrevio desta vila
Homenaxe
da Sociedade

"Parroquias Unidas del Ayuntamiento de Rianjo" de Buenos Aires"

Engadindo as datas e lugares de nacimiento e morte. Sobre o texto figura a efigie de Castelao superposta à estrela de cinco pontas e sobranceando umha multitude, talvez a da estampa de "Nós": "En Galiza nom se pide nada. Emigra-se".

E nom só por ser Castelao o sujeito da homenage foi que a placa sofreu ostracismo interior. O que deveu ser inassimilável, aparte da qualificaçom de "patriota", foi a ditosa estrela, que, se pertencia ao acervo simbólico do Partido Galeguista, tamém tinha, para o regime aqui imperante, conotaçoms tanto ou mais odiosas com a simbologia marxista (!).

O primeiro monumento

É o 7 de Janeiro de 1951 quando se inaugura, no "Paço Galego" de Olivos (província de Buenos Aires), pertencente ao Centro Pontevedrés da capital federal, um monumento de corpo inteiro de Castelao.

O autor da estátua foi o pontevedrés Ángel Alén Buceta (retornado à Terra em 1953 e hai tempo falecido).

No acto inaugural falárom, pola Intersocietária Galega -umha criação do próprio Castelao para comemorar os acontecimentos patrióticos- Bieito Cupeiro e Antón Alonso Rios, fechando-se coa intervençom do presidente da entidade patrocinadora.

Na actualidade a estátua de referéncia -em cujo pedestal se lé:

"O Centro Pontevedrés a
CASTELAO
Ano de 1951"

pode-se contemplar no edificio do Centro Galicia (que engloba os quatrocentos provinciais galegos), a cujos directivos D. Avelino Garcia Melle e D. Xosé Manoel López devemos grande parte destes dados.

Um busto que faria fortuna

Cruzemos agora para a banda norte do Prata. Por iniciativa personal do galeguista de Montevideu Antón Crestar Faraldo, este encomendou, em 1956, a realizaçom de um busto de Castelao ao escultor corunhês, ali radicado temporalmente, José Escudero Couceiro (1923-1975), busto que, umha vez fundido, foi agasalhado à Casa de Galicia, a mais potente entidade galega do Uruguai; outra fundiçom foi obsequiada ao velho Centro Galego e o gesso foi dar, com o tempo, ao Patronato da Cultura Galega. Mas sobre este busto voltaremos logo.

A primeira praça

Temos que chegar a 1960 para assistir ao nomeamento da "Plazoleta Alfonso Rodríguez Castelao" de Buenos Aires. É daquela quando o Concelho bonaerense cede esta praça para o nosso Guieiro, instalando, a maiores, na erva, umha placa de bronze que reza:

"Alfonso R.
Castelao
humanista y político
Homenaje de la Municipalidad de la
Ciudad de Buenos Aires".

Cumpre deixar claro o ponto céntrico em que a praceta está enclavada, na encruzilhada dos bairros San Telmo, Monserrat e Constitución, sobre a Avda. 9 de Julio, a 700 metros da Avda. de Mayo, e onde se sitúa a estaçom Independencia do "subte" (metro).

Decontado, dá-se-lhe o nome de Castelao a umha outra praça da localidade de Ituzaingó, no partido de Morón, no "Gran B. Aires".

A primeira rua

Nesta passage contínua de umha banda à outra do Prata, passemos outra volta à Banda Oriental do Uruguai: é em Montevideu onde, em 1969 e por resolución da Junta Departamental desse ano, se baptiza com o nome de Alfonso Rodríguez Castelao, no bairro de Malvín-Norte, a antigua rua Tabobá, umha via que corre ao longo de um quilómetro e paralela a ambas, entre a Rambla Euskal Erría e a Avda. Italia, importante artéria esta da capital uruguiaia.

Será no ano seguinte quando se instala, numha casa dessa rua, umha placa que di:

"Alfonso Rodríguez

CASTELAO

Nació en Rianxo (Coruña) el 30 de enero de 1886

Murió en Buenos Aires el 7 de enero de 1950

Pintor y dibujante, escritor y político

Defendió a su tierra y a su pueblo

de la injusticia secular

Soñó en el exilio la Galicia ideal

Enero de 1970

Homenaje del Patronato da Cultura Galega."

O primeiro busto público

Ainda um ano despois, outra vez na banda sul do Prata, inaugura-se, no vestíbulo do Centro Galego de Buenos Aires, defrontado a um outro de Rosalia, o busto de Castelao debido ao argentino José Fioravanti, morto o ano anterior (1896-1970), e que representa ao noso patriota com um lápiz na mao direita, cujo braço está apertando um livro aberto, nas páginas do qual se lem os títulos de duas das tres obras que o vinculam à capital portenha: "Os vellos non deben de namorarse" e "Sempre en Galiza" (faltando curiosamente "As cruces de pedra na Galiza").

A essa data é que se refere a lenda do pedestal:

"Castelao

A colectividade galega
Bos Aires
1971"

da réplica que se instalou, para o ano 77, e cumprindo umha lei de 1964, na citada pracinha Castelao, e que se pode considerar o primeiro monumento cabalmente público, pois que, até entóm, os monumentos a Castelao revestiram um carácter semipúblico, situados nos recintos de institucións várias. Com essa efigie, por outra parte, dava-se-lhe à pracinha bonaerense a sua fasquia definitiva e definitória.

O primeiro monumento na Terra

A dous e tres anos atrás do de Buenos Aires remonta-se o projecto, com final feliz, de erguer um monumento a Castelao na sua Terra. É, polas vicissitudes que isso conlevou, umha história digna de relatar com algo mais de detalhe, já que quem vo-la conta sabe-a de primeira mao.

Lembremos como o Patronato da Cultura Galega resultara depositário do gesso de Escudero de 1956: é no 74 quando esta entidade cre chegada a oportunidade (com o franquismo em descomposiçom) de enviar umha fundiçom do gesso à Terra. Canalizadas através do Patronato Rosalia de Castro, as gestons durariam um ano escaso, sendo o da citada remoçom da placa da casa de Castelao um episódio das mesmas.

Houvo todo um tira-puja entre o Dr. Sixto Seco, presidente da "Comisión Pro Homenaxe", diversas autoridades do regime (governador da Corunha, alcalde de Rianxo...) e os emigrados, de tudo o qual se derivou um evento cívico digníssimo, no que o hino e a bandeira nossos -logro insólito daquela- estiverom presentes *com exclusividade* num ambiente especialmente assombrado pola execuçom, a madrugada anterior a esse mesmo dia 27-9-75, dos cinco luitadores anti-franquistas -dous deles galegos- que todos temos nas mentes, o último acto, van-dálico, de umha ditadura agonizante.

Tamém foi a última vez que, baixo a chuíva do rianxeiro passeio da Ribeira, o mantenedor da celebraçom patriótica, o inesquecível dom Ramón Otero Pedrayo, falou em público a ar aberto. Como anedota entranhável é bom saber que o escultor Escudero falecera, vítima de cruel enfermidade, quatro dias despois de se inteirar da chegada do bronze a Vigo, por via marítima, o 29 de Junho anterior, retirado, por certo, de um jeito quase clandestino e levado a Rianxo dito dia.

No pedestal de Alfonso Sanmartín, a figurar um dolmen, chantou-se umha placa que di:

"Iste busto foi
agasallado polo
Patronato da Cultura
Galega de Montevideo
(Uruguay) ao pobo de
Rianxo
(27 setembro 1975)."

Outra placa, instalada, como a primitiva, na fachada da casa, o 21 de Setembro anterior, reza:

"Ofrenda do Centro Galego de
Buenos Aires ó insine Castelao
a nome da colexividade galega
da Arxentina, de sangue e de
nacemento, ó cumprirse XXV anos
da súa morte na nosa casa.
(Buenos Aires, setembro do 1975)."

Som, pois, estes dous fitos, busto uruguaio e placa argentina, as primeiras homenaxes públicas de tipo escultórico-comemorativo que Castelao recibiu na Galiza e vinheron rubricar ajeitadamente quantas celebracións se leváron meritoriamente adiante aquí, dito ano XXV do seu pasamento.

As homenaxes no pos-franquismo

Diante da exemplar homenaxe realizada en tempos da ditadura, esmorece calquera logro monumental para Castelao já ao abeiro da democracia, bem que seja formal, que vivemos. E na série de actos que seguen cumpre salientar os varios que aínda se celebran fora do país, onde, entre os emigrados, segue a se dar unha maior sensibilidade cara ás esenciais da pátria do que entre nós os que aquí moramos.

Essa nosa falta de sensibilidade, que se emparelha com a falta de conciencia cívica, manifesta-se quer na escasez de homenaxes a Castelao, quer na torpe maneira de levá-los a cabo; como exemplo disto último, vejam-se os incidentes das inauguracións dos monumentos em Pontevedra e na Corunha, que flanqueáron outros incidentes mais graves, como fóron os acontecidos em Compostela, quando a inoportuna e inadecuada vinda dos restos do prócer desde Buenos Aires.

Assi, e para finalizar esta breve comunicación, citemos:

1979 - Placa a Castelao na casa familiar da súa dona (A Estrada).

1980 - Avda. Castelao (Arcade-Soutomaior), primeira rua dedicada na Terra, que valeu para que outras cidades e vilas o imitassem: Compostela, Vigo, Fe-

rrol, Padrom, Lugo... (Lamentamos que nom se fivesse outro tanto em capitais como Ourense, Pontevedra e a Corunha).

- Rua Castelao: no arrabaldo barcelonés de L'Hospitalet de Llobregat; no madrilenho bairro de Peña Grande, e na vila barcelonesa de Mollet del Vallés.

1982 - Monolito em Madrid: no Parque de Breogán, sito no residencial "Parque de las Avenidas" e emarcado polas avenidas de la Paz e de Brasília, na parte final (e mais cercana à praça de touros de Las Ventas) que cai sobre a "Puente Calero", ergue-se um monolito sem polir onde, encabeçado por umha desafortunada réplica da caricatura do prócer por Bagaria, se lê o seguinte texto, tomado do Livro 1º, cap. V:

"Galicia (sic) é a mellor esquina
do solar hispánico cabo
do mondo (sic) antigo e
avanzada de Europa
no mar inmenso
da liberdade

Sempre en Galiza

(ALFONSO R. CASTELAO)

PARQUE DE BREGAN

23 mayo 1982"

- Dito ano: rua Castelao no arrabaldo donostiarra de Trintxerpe.

1983 - Monumento em Pontevedra, por Bucíños: como o de Alén (em B. Aires) é umha verdadeira estátua, com 2½ metros de altura, de corpo inteiro, e hai que dizer que está belamente realizada e situada num lugar formoso da vila do Lárez, como som os Jardins de Santa Maria.

1984 - Sartego no Panteom de Galegos Ilustres, em Sam Domingos de Bonaval (Compostela).

1985 - Vítor na Faculdade de Medicina da Universidade compostelá.

1986 - Placas nas fachadas das casas natal (a primeira) e na que morou (a terceira), em Rianxo.

- Busto na Corunha (de Manuel Ferreiro Badía), nos Jardins de Méndez Núñez.

- Monumento a Castelao - Pessoa - A. Vilar Ponte - Aº Ferreira em Arcos de Valdevez, monolito, conjunto para Castelao e Pessoa, em Vilanova de Cerveira, onde se cita a frase castelaoniá: "A nossa língua floresce em Portugal", e placa em Braga.

- Monumento na vila guipuzcoana de Éibar (por Francisco San Miguel).
- Monumento em Negreira (por Andrés Barbazán).

Cabo

Até aqui falámos, bem que someramente, do tema das homenages escultórico-comemorativas que Castelao morto tem recebido, as mais das vezes, como vimos, fora da Terra, o qual pode constituir um bom termómetro das baixas cotas que a temperatura patriótica tem alcançado nela, como Antón Vilar Ponte acusaria naquela contundente aseveraçon: "Galiza, muito mais honrada no estrangeiro que em si própria". (Por suposto que nom contamos o periodo em que a ditadura nom deixava opçom a este respeito). Pois se consideramos muito mais interessante que Castelao seja lido antes que imortalizado no bronze, a ausência deste tipo de lembrança vem demostrar a inexistência da outra, ou seja, o desconhecimento que o personage padece: e poderá-se, ao tempo, contribuir a esse conhecimento fomentando quanto acto recordatório for possível, e dando-lhe a esse acto nom a categoria de fim em si, senom a de médio válido para alcançar o objectivo de pôr de actualidade constante o personage, para que a sua realidade chegue, plena e limpa, a todos os que tem que chegar.

Longe ainda de estar cumprida a tarefa de pôr a Castelao no sítio de honra que lhe corresponde, cremos, finalmente, que o estará o dia que o seu retrato, junto com o de Bóveda e com a nossa bandeira nacional, incem o país, presidindo toda instituiçom oficial e ilustrando toda aula na que todo estudante saiba de coraçom a vida e a mensage de Alfonso Rodríguez Castelao e de quantos o ajudárom, mesmo dando a vida, no soerguemento da nossa pátria.

Bibliografia sucinta

- Alberto Vilanova: *Los gallegos en la Argentina*, Buenos Aires, 1966.
"Voces Rianxeiras" (órgao do Colégio local): vários números (1975).
Gran Enciclopedia Gallega: artículo "Sempre en Galicia".
Antón Crestar: *Notas autobiográficas* (inérito).
Arquivo próprio.

A Corunha, 12 de Outubro de 1986